

# Os seleccionadores e a crítica

**S**ERIA extraordinariamente difícil que a grande maioria dos desportistas portugueses estivesse de acordo com a formação da selecção nacional de futebol. O clubismo é uma doença que corta as luzes da inteligência e do bom senso.

Evidentemente que, em assunto de tal monta, o parecer pessoal terá sempre de exercer séria influência. Não é menos exacto, também, que os jogadores com quem mais contacto temos nos aparecem no seu mais real valor. Mesmo os críticos mais independentes e sérios podem perfeitamente desconhecer tão absolutamente como é de justiça, a verdadeira valia de um praticante — mesmo que ele seja até um internacional...

Vem isto a propósito dos trabalhos da selecção que estão sendo efectuados para a campanha com os nossos vizinhos espanhóis — com vista à representação do futebol ibérico no Campeonato do Mundo.

A crítica, ante esses trabalhos, já pôs veladamente embora a questão de se saber qual é verdadeiramente a equipa portuguesa que vai jogar, primeiro em Madrid e, depois, em Lisboa.

Incontestavelmente, a crítica portuguesa é séria. Deseja dar a sua constituição para que a representação portuguesa atinja o máximo que nos é possível — e aqui está, na sua essência, a razão do queixume. Simplesmente — o sistema também tem os seus inconvenientes. O comité de selecção é tão sério e está tão arreigadamente empenhado numa representação valorosa como a crítica. Os papéis que se divergem. Enquanto o comité não quer dar — ou

não pode dar... — motivo algum para que este ou aquele jogador apareça menos moralizado para uma luta que se prevê ardorosa e rude, a crítica baseia o seu parecer em que seja feita a escolha dos onze melhores jogadores...

Os seleccionadores vão olvidando, aos poucos, os inconvenientes que resultam de tão diferentes situações. Ora determinam que os treinos se façam à porta fechada, como se diz-se, ora alteram a formação da equipa — mesmo que seja só para dizer que possuem vinte e dois jogadores espaciais de alinhamento ante os espanhóis...

O jogador de futebol é como uma flor em certo aspecto. Quantos jogadores se não terão inferiorizado, mesmo já depois de seleccionados, só porque a crítica prematura os não guiou ao lugar que porventura mereciam?

Conhecemos todos um caso ocorrido com Augusto Silva a quando de um encontro que se jogou em Sevilha contra a equipa nacional de Espanha. O célebre médio belenense não estava na sua melhor forma e a crítica no mesmo dia da partida — partiu-lhe os ossos... Valeu, na emergência, o moral superior do desportista em questão que mesmo ante essa contrariedade ainda encontrou forças e sorte para poder ser o melhor dos vinte e dois jogadores em campo. Simplesmente o moral de Augusto Silva terá sido um caso particularíssimo do futebol português.

O António Lopes — o 4.010 da Casa Pia — jogador primoroso que incontestavelmente foi, sofreu varridela semelhante por alturas do primeiro Portugal-Espanha e não pôde re-

sistir... afirmou-se, depois, que o Arrate, espécie de gigante que os espanhóis haviam colocado na extrema defesa era uma grande muralha. Os mesmos que fixaram esta afirmação não se lembraram, mais tarde, de questionar por se opor a Valet o desditoso Pepe — num célebre Portugal-França que vencemos com incontestável brilho e em que Pepe foi a muralha e não Valet...

Tudo isto para dizer que os cuidados dos seleccionadores são poucos, evidentemente, para os perigos a que estará exposta a selecção nacional — se acaso ela for conhecida com antecedência...

Ainda não há muitos dias um jornal desportivo do norte do País assegurava que a melhor defesa dos clubes de Portugal era a do F. C. do Porto — o que poderá ser verdade embora os factos o não confirmem muito. Esse mesmo jornal afirmava dever colocar-se um jogador português no lugar de um outro que todos cremos terá de ser a base da extrema defesa da nossa selecção.

Que me lembre, nunca um seleccionador procedeu muito diferentemente dos seleccionadores que lá estão agora. Sei até de um que nem aos próprios directores da Federação dava satisfação por mínima que fosse. Os próprios jogadores só na cabine, minutos antes do jogo vir a começar, é que sabiam se jogavam ou não. E esse seleccionador gozou e goza ainda da justa fama de haver sido e continuar sendo um homem com predicados especiais para conseguir a valorização moral dos jogadores entregues aos seus cuidados...

MARIO SANTOS



EM CIMA — Ben David, com oportunidade, remata com força e precisão, batendo Capela, e concluindo uma jogada de conjunto  
EM BAIXO — Rogério, no posto de interior, escapa-se à oposição de um adversário e passa a um companheiro

## O treino da Selecção contra BARREIRENSE

## XADREZ

### Começaram as provas principais do programa da modalidade

**E** indubitável que o xadrez está atravessando uma fase de desenvolvimento, que devidamente amparado poderia alcançar proporções notáveis no meio desportivo português. A expansão que está ganhando na Província é a indicação mais concludente.

Merecendo este jogo a consagração popular no nosso País, é natural que recuperemos, num futuro próximo, a distância que nos separa ainda das outras nações, em matéria de «desporto intelectual».

Mas, a par do progresso em quantidade, torna-se necessário cuidar do progresso da qualidade. Nesse capítulo, o atraso é notório. Para esse facto muito concorre a falta de material, principalmente de relógios.

Verificou-se já que não se pode jogar xadrez de competição — xadrez desportivo, digamos assim — sem controle do tempo de reflexão. Citemos a propósito, os casos recentes do Torneio Quadrangular de Lisboa e os encontros Leiria-Santarém e Leiria-Figueira da Foz, em que a falta de relógios foi concludente.

Porto, o Torneio de Mestres do Norte, cuja classificação final foi a seguinte:

1.º João Mário Ribeiro, 7,5 pontos; 2.º Alexandre Gonçalves, 6 pts.; 3.º Oliveira Bastos, 3,5 pts.; 4.º Neves Pereira, 2 pts.; 5.º Rogério Lucas, 1 ponto.

O Torneio de Mestres do Sul principiou ontem e promete desde já constituir uma prova interessante, pois inscreveram-se alguns jogadores que há muito não víamos em acção.

Os dois primeiros classificados destas provas serão apurados para participarem no Campeonato de Portugal.

Simultaneamente estão em curso na Sociedade de Geografia os Campeonatos de Lisboa de 3.ª categoria e de 1.ª categoria do G. X. L., num total de 40 concorrentes.

Na Faculdade de Ciências estão disputando torneios cerca de sessente jogadores, e em todos os grupos filiados estão em curso campeonatos da 1.ª categoria.

Como vai disputar-se também o Campeonato Corporativo de Xadrez, por equipas, calculamos que estejam em actividade na capital, em Março e Abril, cerca de trezentos xadrezistas, cifra bastante animadora.

Como corolário deste incremento, começaram já a disputar-se as provas principais do calendário escolar.

Realizou-se em Fevereiro, no

VASCO C. SANTOS

«Stadium» publicará no próximo número uma curiosa entrevista com o desportista angolano Aurélio Lanza de Moraes, em que se faz uma análise perfeita do desporto em Angola e se referem revelações que se ligam com os clubes do Continente.